

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE  
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC)

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. Permitida a cópia. A citação deve ser textual, com indicação de fonte conforme abaixo.

CARDOSO, Fernando Henrique. *Fernando Henrique Cardoso II (depoimento, 2007)*. Rio de Janeiro, CPDOC/FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS (FGV), 2010. 36 p.

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre CPDOC/FGV e FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS (FGV). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**FERNANDO HENRIQUE CARDOSO II  
(depoimento, 2007)**

## *Ficha Técnica*

tipo de entrevista: temática

entrevistador(es): Luciana Quillet Heymann

levantamento de dados: Luciana Quillet Heymann

pesquisa e elaboração do roteiro: Luciana Quillet Heymann

conferência da transcrição: Luciana Quillet Heymann

técnico de gravação: Marco Dreer Buarque

local: São Paulo - SP - Brasil

data: 11/01/2007

duração: 1h 14min

minidisc: 1

páginas: 36

Entrevista realizada para o projeto de doutorado da pesquisadora Luciana Heymann, intitulado *De arquivo pessoal a patrimônio nacional: reflexões acerca da produção de "legados"*.

temas: Arquivos pessoais, Assuntos familiares, Diários pessoais, Fernando Henrique Cardoso, Formação acadêmica, Globalização, Governos militares (1964-1985), História, Instituições arquivísticas, Mário Soares, Memorialismo, Pensamento político, Política, Política partidária, Produção intelectual, Redemocratização, Universidade de São Paulo.

## *Sumário*

*Entrevista: 11.01.2007*

**Fita 1:** Menção à preocupação do entrevistado em produzir um “diário gravado” enquanto ocupou a Presidência da República; opinião acerca do juízo histórico e das análises que seriam feitas posteriormente a partir de seus registros; comentários sobre o hábito de ler e escrever, adquirido na juventude e jamais abandonado; opinião sobre os diferentes modos de se expressar: nos jornais, na política, na academia e na televisão; observação sobre os cuidados necessários à transcrição das fitas gravadas ao longo do mandato como presidente devido às diferenças entre a linguagem oral e a linguagem escrita; comentário sobre a mania de guardar registros desde a infância; menção a arquivos de outros políticos; comentários acerca da perda de alguns de seus documentos e livros durante a ditadura militar; breve análise da funcionalidade dos arquivos pessoais; comentários sobre a ideia de criar o Instituto Fernando Henrique Cardoso durante a Presidência: as visitas de sua secretária Danielle Ardaillon às bibliotecas presidenciais norte-americanas e a opção pelo modelo da Fundação Mário Soares; menção aos sete sócios que fundaram o Instituto e à possibilidade de transformá-lo em fundação; a relação com Darcy Ribeiro; a contribuição da formação em Sociologia para a sua trajetória política; breve comentário sobre a influência de Weber em seu modo de pensar; observações sobre as duas dimensões que marcaram a sua trajetória: a política e a intelectual; o afastamento da política partidária após o fim do seu mandato de presidente; a opção pela vida política, em detrimento da acadêmica, no momento de redemocratização; menção à participação na política universitária na Universidade de São Paulo (USP); a influência familiar em seu interesse pela política; referência ao seu livro *A arte da política* na versão em inglês – versão mais completa; observações acerca da necessidade de críticas às obras literárias e de um debate intelectual mais intenso no Brasil; breve comentário sobre as resenhas de seus livros nos Estados Unidos e na Inglaterra; análise do legado da sua geração no campo político; breve avaliação do Brasil no contexto do mundo globalizado.....p.1-27

Projeto: De arquivo pessoal a patrimônio histórico (Projeto Individual de Pesquisador)

Entrevistado: Fernando Henrique Cardoso

Local: São Paulo- SP

Instituto Fernando Henrique Cardoso

Entrevistadora: Luciana Quillet Heymann

Transcrição: Maria Izabel Cruz Bitar

Data da transcrição: 25.01.2007

*Entrevista:* 11.01.2007

L.H. – No seu livro, *A arte da política*, o senhor disse que sentiu, no momento da posse na Presidência, “o aterrador peso da História”.

F.C. – Isso.

L.H. – Eu gostaria de lhe perguntar qual foi o sentimento, oito anos depois, quando o senhor deixou a Presidência.

F.C. – Que a História é mais indecifrável do que a gente possa imaginar, não é? Porque, não tanto nesse livro, mas eu registrei, por causa da Celina – eu contei isso no livro, que a Celina me deu...

L.H. – Isso.

F.C. – Então, eu tenho os registros do meu dia-a-dia. E, até por coincidência... Eu nunca mexi sistematicamente nisso, nem tudo foi sequer transcrito. Mas nesses últimos dias aí de férias, eu peguei os quatro primeiros meses para rever. Porque isso foi transcrito pela Danielle, mas agora eu tenho que ouvir, porque às vezes escapa, e também porque não dá para publicar do jeito que está. Porque às vezes fica confuso, eu tenho que cortar palavras, mas tem que mostrar também que eu não estou mudando o sentido. Então eu estou cortando no computador e deixando registrado. E não é para publicar; vai ficar guardado. Mas se algum dia... quando for publicado, ter uma versão. Então, lendo, esses dias, revendo tudo isso, eu digo: “Meu Deus do céu! A gente pensa que está fazendo uma coisa que vai ter um resultado e tem outro, não é?” E a gente às vezes... tem

consciência dos riscos, assume quem... vêm os riscos em cima. Enfim, a História é bastante... Você tem que ter pêlo bastante duro para poder lidar com ela, não é? Então, na verdade, a História é um processo que não tem fim, porque ela é reescrita a cada geração, não é?

L.H. – Sem dúvida.

F.C. – Então, você não... Também isso não quer... acho eu, não deve ser objeto de angústia pessoal; deve ser muito mais um objeto de consideração sociológica, não é? Porque não adianta você... Sabe Deus o que vai ser... a análise que vai se fazer do que se fez agora daqui a 50 anos. Não se sabe. Mas mesmo numa História não tão remota, mesmo numa coisa mais curta, aí é que ela é mais sofrida, porque você... O que você quis fazer é uma coisa, o que você fez é outra e o que os outros entenderam que você fez ainda é uma terceira, não é? São páginas abertas. Então, não há uma História. Existem sempre veredas que podem ser tomadas diferentemente em diferentes momentos, às vezes pela mesma pessoa, às vezes por outras pessoas. Agora, sem dúvida alguma – a sua pergunta, o que significa esse peso hoje –, quando eu releio essas anotações ou outras coisas do gênero, quando nós tomamos certas decisões, sobretudo de política econômica, era preciso ter bastante dureza para tomar. Porque muita coisa você não sabe o que vai acontecer. Você toma quase às cegas. Porque você não sabe. Você não tem o controle. Não pode ter o controle da situação. Por exemplo, resolve mudar uma política cambial. O que vai acontecer, só Deus sabe, não é? Resolve mandar para o Congresso uma lei, ou resolve demitir alguém, ou nomear alguém, tudo isso...

L.H. – Há o imponderável.

F.C. – Há o imponderável. E você tem que ter coragem para poder atravessar o imponderável. Você não tem certeza nunca, não é? Você tem, deve ter, uma certa visão, certos objetivos, e tem que ir construindo o caminho, à *la* Guimarães Rosa: vai fazendo o caminho... “O caminhante faz o caminho ao caminhar.” Isso não é dele, é do poeta espanhol, mas enfim... É do Machado... Mas é sempre assim, o tempo todo é uma coisa entre tateante e com objetivos, não é? É ambíguo. Para quem gosta de certezas, é muito difícil. Para quem entende a vida como uma coisa mais aventureira, é menos difícil. Eu não sou homem de muitas certezas, não, então...

L.H. – Não?

F.C. – Não. Eu acredito em certas coisas. Eu tenho certos valores e certos objetivos. Agora, como chegar lá, para mim não é uma coisa assim... Eu não sou nem obcecado. Mas não é fácil. Eu disse uma vez, bobamente, que era fácil governar o Brasil. Eu disse na porta do Alvorada – eu não me lembro para quem eu disse isso – e saiu publicado. E eu estava dizendo em comparação com. Porque aqui, de alguma maneira, em comparação com o Oriente Médio, isso aqui é uma sopa hoje, não é? Mas, em qualquer situação, governar é sempre muito difícil. É muito difícil governar uma casa, governar

uma empresa, governar um automóvel, quanto mais um país, não é? É por causa dos imponderáveis, que são imensos. O único jeito é você ter convicções. Eu digo que eu não tenho certezas, mas convicções sim. Quer dizer, você acredita nas coisas, não é? Se não acreditar, para quê? É só um sofrimento.

L.H. – Exatamente seguindo a sua sugestão, que o senhor também mencionou nessa introdução, que é muito interessante no livro, é exatamente isso, que “o juízo que conta é o da História”.

F.C. – É.

L.H. – E que “o veredicto recai sobre os mortos”, não é?

F.C. – Sobre os mortos, é.

L.H. – Quer dizer, não são os personagens, os atores principais que assistem ou que definem essa História. Então eu gostaria de lhe perguntar se escrever livros e criar instituições que preservam o seu arquivo, a sua história, são antídotos para essa falta de controle, digamos, ou de...

F.C. – Não sei se são antídotos propriamente, mas são, sem dúvida alguma, digamos, pontos de apoio para você poder, enfim, justificar o que... naquilo que você crê, as suas tentativas, o que você fez. É um pouco como estar num trapézio, pulando de um trapézio para o outro. São trapézios. Você tem que se agarrar em certos trapézios. E no caso meu, eu escrevo compulsivamente. Eu escrevi a vida toda, desde sempre, desde 14 anos. Então, mesmo sem propósito disso ou daquilo, eu praticamente escrevo todo dia alguma coisa. Eu leio e escrevo alguma coisa diariamente a vida inteira, não é? Mesmo quando eu estava na Presidência. Quando eu não podia escrever, eu registrava, não é? E ler também. Eu nunca deixei de ler, em nenhuma circunstância. Então eu não sei se tem algum propósito ou se já virou um costume. Já virou parte da minha maneira de ser, não é? Qual é o meu *hobby*? É ler, não é? E escrever. Porque escrever, para mim, não é sofrimento. Ao contrário, é prazer. E mesmo rever. E eu posso escrever infinitamente. Eu escrevo um artiguinho por mês para alguns jornais. Eu faço em duas horas, duas ou três horas. Aquilo, para mim, vai depressa. Agora, se deixar no computador, eu passo... Cada vez que eu leio, eu mudo, mudo, mudo. É gosto de mexer.

L.H. – Isso é mais a síndrome dos acadêmicos.

F.C. – É mais.

L.H. – Não é tanto a questão dos jornalistas.

F.C. – Não, não.

L.H. – Eles são mais rápidos.

F.C. – O jornalista escreve e manda e publica. E quando eu comecei a escrever para jornal, faz muitos anos, escrever mais sistematicamente para grande jornal, foi a *Folha*. Eu tinha escrito em vários jornais e tal, mas eventualmente, em jornais de oposição, o *Opinião*, aquelas coisas, o *Movimento*, na época da ditadura. Quando eu comecei a escrever para a *Folha*, era uma dificuldade. Porque eu tinha que escrever uma tripinha, lá na página dois da *Folha*, e eu não sabia fazer uma coisa curta assim. Eu nunca mais consegui... Eu vou perguntar à Ana Tavares porque ela se lembrará quem era o jornalista lá que tinha uma paciência comigo infinita. Porque me ensinou, na verdade. E ao contrário do que se diz sempre, que eu sou muito vaidoso, que eu... Isso é um pouco fofoca. Na verdade, se você me criticar, isso não tem uma reação... Eu não tenho uma alta apreciação de mim mesmo que impeça o outro... Ao contrário. Então eu tenho uma certa humildade de... Se está errado, está errado. E ele me ensinou muito, cortar, cortar, e certos vícios. Então, não é fácil escrever para jornal. É outra ginástica, é outro...

L.H. – Tempo, não é?

F.C. – É outro tempo, é outra coisa. E você... Eu tinha um professor na faculdade chamado Charles Morazé. Era um professor de Ciência Política. Era um francês. Na USP aqui. Ele era também historiador e tal. E ele nos obrigava a ler artigos do Assis Chateaubriand. “Porque”, ele dizia, “você têm que ler com alguém que saiba escrever para jornal”. E, de fato, você pode... O conteúdo é outra coisa, mas ele sabia escrever. E os franceses, você sabe – eu conto isso aí até –, eles inculcam na gente um método, não é? Você tem que, no começo, colocar o tema, depois você desdobra o tema, e a conclusão ser uma volta enriquecida ao início, explicada e não sei o quê. E tudo com *A*, *B*, *C*, *petit A*, *petit B*, *petit C*, e por aí vai. Muito formalzinho assim, não é? Bom, o jornalista não é assim. Mas se você olhar, tem uma estrutura. O bom texto jornalístico tem sempre uma estrutura, simples, para o leitor pegar, e que é explicativa. E isso é muito difícil. Porque o acadêmico enrola.

L.H. – Bom, e os franceses...

F.C. – Nem se fale.

L.H. – ...são mestres.

F.C. – Nem se fale. E o treinamento nosso era pomposo, na universidade, muita palavra, palavras que os outros não entendem, não é? E no jornal você tem que escrever de modo que as pessoas entendam, o que é muito difícil.

L.H. – E na política, sobretudo...

F.C. – Na política sobretudo.

L.H. – ...falar o que as pessoas entendam.

F.C. – É. Mas na política você não precisa demonstrar. Não precisa nem muita lógica. Emite sinais, e quando o sinal coincide, a pessoa... Não é tanto um encontro de cérebros, é muito mais de alma, de coração, não é? O que é difícil também e é outra ginástica. São mundos que podem ter *overlapping*, mas não são coincidentes, e não são separados também. Há *overlapping*, mas... Mas é difícil. Você falar num comício não é a mesma coisa que dar uma aula.

L.H. – Certamente não.

F.C. – Você tem que exortar. E falar na televisão é uma outra coisa, não é? Assim como escrever depende de para quê. Mas eu estava basicamente dizendo é isso: para mim, escrever é uma coisa que eu gosto de fazer. Eu sempre escrevi à mão; eu tinha um calo aqui. Agora não. Agora... O computador muda os seus hábitos e melhora muito, quer dizer, tem muito mais...

L.H. – É, até a maneira de a gente pensar é diferente.

F.C. – Ah, é outra.

L.H. – É outra maneira.

F.C. – E outra coisa, como você agora tem número de palavras que pode publicar, número de caracteres, então, só no computador mesmo.

L.H. – Sem dúvida. Para ter essa medida exata.

F.C. – Exata, não é?



L.H. – O senhor mencionou a sugestão da Celina Vargas, de escrever suas impressões diárias, não é? Ela lhe deu uma cópia de uma página do diário...

F.C. – É, quando ainda não tinha sido publicado, não é?

L.H. – Isso. Isso sugere um empreendimento que viria pela frente. Além de um empreendimento político, o senhor estava assumindo a Presidência, um empreendimento memorial.

F.C. – Isso. Eu sempre tive essa preocupação. Isso, pela minha formação acadêmica. Eu acho que tem que deixar registrado as coisas. Não porque você atribua demasiada importância ao que você faz, é porque eu acho que é importante registrar sempre. Sempre que possível, deixar algum registro. Então, a Celina me incentivou nessa direção. E você registra para quê? Certamente, para ou você mesmo aproveitar ou terceiros aproveitarem, não é?

L.H. – Certo.

F.C. – Eu, aqui, eu aproveitei um pouquinho, porque eu só olhei salteadamente o que eu tenho registrado. Tem alguma ou outra...

L.H. – Aqui nesses dois livros?

F.C. – É. Não, só nesse.

L.H. – Só no *A arte da política*.

F.C. – Só no em português. No inglês não. Depois eu falo sobre o inglês, porque é uma experiência diferente. Na questão do... Quando eu vejo agora – agora que eu estou começando a mexer no texto registrado –, é um texto que eu não sei se convém nem sequer publicar. Eu acho que certamente... Então, por que eu estou limpando? Para deixar aqui. Eu acho que pode ser útil para algum pesquisador. Porque memória... E livro diário é muito chato, não é? Porque você, no cotidiano, você... A gente se repete, para começar. O cotidiano não é tão variado assim, mesmo o de um presidente. Mesmo o do Getúlio, não é?

L.H. – É, o diário dele decepcionou alguns, não é? Porque não era exatamente...

F.C. – Porque não é um livro de reflexões. São anotações. O outro é que tem que fazer reflexões sobre as suas anotações.

L.H. – Certo.

F.C. – Eu, nesse livro, faço mais reflexões.

L.H. – É.

F.C. – Mas no diário você não tem que estar fazendo reflexões; você tem que estar registrando, para que depois alguém – ou nunca, não sei, depende – tome aquilo para fazer alguma reflexão. Então, não é uma leitura prazerosa, eu imagino. Mesmo fazendo a limpeza que eu estou fazendo, que é mais de repetição, porque você repete muitas palavras... Outra coisa, em português é tremendo, porque liberdades que você dá na linguagem oral, no escrito fica horrível. Você não pode. Eu misturo muito o ter com o haver. No falar, você nem percebe, mas no escrito não dá. Então, eu disse até para a Danielle, eu digo: “Olha, eu vou fazer um ano de revisão para que depois alguém veja qual é o grau de liberdade que eu acho que alguém pode ter.” Se for, eventualmente, publicar isso aqui, não dá para publicar como está. Como está... Tem que estar **existindo** (?), para que a gente possa cotejar. Para não dizer: “Olha, mexeu na essência.” Mas não dá, porque a linguagem oral não é a linguagem da leitura, é outra coisa, não é? Então, a idéia de registrar, certamente você registra porque você acha que aquilo pode ser útil, mais para terceiros que para você mesmo.

L.H. – E o senhor comentou então que sempre teve essa preocupação. Quando é que o senhor localiza? Quando é que começou a...? Não digo... Na Presidência, esse gesto, esse ato, ele é quase...

F.C. – É automático.

L.H. – ...obrigatório.

F.C. – Lá é obrigatório.

L.H. – É obrigatório.

F.C. – Aliás, lá tem quem faça, porque se tem toda a memória.

L.H. – Inclusive, se tem todo um...

F.C. – Um *staff*.

L.H. – ...um *staff*. E esse arquivo pessoal é mais coletivo do que...

F.C. – É, do que pessoal.

L.H. – Mas quando é que o senhor começou a acumular papéis, constituir um arquivo?

F.C. – Quer dizer, sem ter essa pretensão de ser arquivo, eu sempre fui guardador de papéis. Deixa eu lhe contar uma coisa que me impressiona desde que eu era bem criança, jovem, quase menino. O meu avô foi militar, não é?

L.H. – Sim.

F.C. – E ele participou da conspiração de 22. Foi o único general que apoiou os tenentes. O meu pai era tenente, e os meus tios, os meus primos. Então, essa conversa lá em casa era contínua, de Eduardo Gomes, Siqueira Campos e Prestes e essa coisa. Bem, as minhas tias rasgaram toda a documentação que havia sobre o golpe de 22, sobre a revolução de 22.

L.H. – Sobre o seu avô. As filhas então.

F.C. – Sobre o meu avô, sobre os filhos, sobre tudo. Eles tinham anotações. Isso era na casa de um... que é meu... Enfim, eu tenho uma prima casada com... dos Mendes de Moraes, lá no Rio. Mas, na verdade, é do famoso marechal Artur Oscar, de Canudos. A dona Catalina, que era casada com um irmão dele, era acho que avó de uma tia minha. Enfim, tem um parentesco. Nessa altura, o meu avô, que era comandante de Mato Grosso, vinha para o Rio e ficava lá, e lá ficou essa documentação. Elas queimaram.

L.H. – Com medo?

F.C. – Com medo. Ou não, porque queimaram fotografias. Porque as casas, chega um momento que o pessoal fica chateado de ter papelada e queima, joga fora, não é? Bom, eu vi, em 64, também acontecer isso. Todo mundo queimava tudo.

L.H. – Certo.

F.C. – Tinha medo. Aí é por medo, não é? Bom, mas então eu digo... Essa coisa me deu um sentimento de perda. “Como é que pode perder essa coisa?” Então eu sempre tive

mania de guardar papel. Muito desorganizadamente. Mas a Danielle encontrou aí muita coisa minha de... até do curso primário, que tem guardado. Mas, enfim...

(começa a tocar um telefone).

L.H. – Mas a Danielle já acompanhava o senhor desde o Cebrap.

F.C. – Sim.

L.H. – E ela cuidava da...

F.C. – Ela cuidava da documentação também do...

F.C. – ...da sua documentação.

L.H. – Não, lá ela era mais... Ela era a...

L.H. – Diretora?

F.C. – Ela era superintendente do Cebrap, não é? Não era essa a função. Essa função ela só..

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO para atender uma ligação do “Dr. Jovelino, do exterior” ]

F.C. – Então a Danielle, agora, que veio para cá, ela recebeu coisas que estavam na casa da minha mãe. Então, tem coisas... tem prova minha de colégio, de ginásio, tem coisa... Diz ela, eu não vi, que tem coisas que eu escrevi. Inventou até que eu escrevi, eu não sei se é uma coisa de teatro ou um romance, que eu nunca me lembraria e vou queimar. [risos] Mas está guardado. Quer dizer, então tem...

L.H. – Então, tem [**inaudível**]. Aí, no caso, deve ter sido sua mãe que guardou.

F.C. – É provável. Não, mas eu mesmo.

L.H. – Mas o senhor mesmo tinha essa...

F.C. – Sim. E, por exemplo, correspondência, eu sempre guardei. Eu tenho correspondência de, sei lá, de 40 anos, 50 anos.

L.H. – Isso é o filé *mignon* dos arquivos.

F.C. – Correspondência, eu sempre guardei.

L.H. – É interessante, porque uma vez, pelo Cpdoc, eu vim aqui à Fundação Mario Covas, que, aliás, no momento eu nem sei como está, mas a idéia... Eu conversei muito com a Lúcia Dal Medico, que foi assessora do Covas, e ela me contou que o Covas não tinha arquivo.

F.C. – Não.

L.H. – Não era um homem que guardava papéis. E que ela, na época do governo, inclusive, como havia a perspectiva de que ele fosse talvez presidente da República...

F.C. – É.

L.H. – ...eles começaram a fazer uma busca da documentação dele. Então, em Santos, onde ele tinha sido vereador, e não sei aonde... Tentando recolher cópias do que ele teria produzido, dito etc. e que ele próprio não tinha guardado. E eu achei isso interessante, porque me atestou muito a importância da memória.

F.C. – Normalmente, os políticos não têm tempo para essas coisas, não é? Eles não prestam muita atenção. O Mario era, basicamente, um engenheiro e um político, não é?

L.H. – Isso.

F.C. – Não era uma pessoa que tivesse muita preocupação com História ou com leituras. Não era o estilo dele, não é?

L.H. – Mas o Cpdoc desmentiria essa sua observação, porque os arquivos que nós temos lá são, alguns, enormes: o Gustavo Capanema...

F.C. – Ah, mas são políticos intelectuais.

L.H. – Certo.

F.C. – O Gustavo Capanema era um intelectual, não é?

L.H. – Sem dúvida. É o nosso maior arquivo até hoje. É enorme.

F.C. – O Capanema é um intelectual. E no Brasil, muitos intelectuais foram políticos, não é? Mas um que não seja intelectual, é difícil que guarde. Enfim, pode ser. Mas eu não... Eu não sei. Existe arquivo do Jânio?

L.H. – Não sei. Aqui em São Paulo talvez, mas eu não sei. Eu creio que não.

F.C. – O José Aparecido, diziam que ele teria uma parte do arquivo do Jânio.

L.H. – É, eu já ouvi dizer isso também.

F.C. – Tinham que ir atrás disso, para ver se existe e onde é que está, não é? Do Jango?

L.H. – Do Jango, nós temos. É muito pouco. Está conosco, mas é muito pouco. Porque, na verdade, uma parte se perdeu, foi para uma fazenda quando ele foi para o exílio...

F.C. – É isso.

L.H. – Enfim, teve um...

F.C. – Isso é outro problema, as coisas se perdem.

L.H. – Sem dúvida.

F.C. – Se você não organizar, como nós estamos organizando aqui, se perde. Porque papel vai embora, acaba, não é? Recentemente, quem se preocupou mais de organizar foi o Sarney...

L.H. – Isso.

F.C. – Acho que o Sarney e eu que organizamos um pouco mais a memória da Presidência. Eu não creio que o Itamar tenha nada organizado, não é? Deve ter os papéis, porque a Presidência entrega uma montanha de papel para o presidente.

L.H. – Nós temos assim, por exemplo, de um ministro, que foi seu ministro, o Lampréia, nós temos um grande acervo do período em que ele foi ministro das Relações Exteriores.

F.C. – Mas o Itamaraty é um órgão organizado.

L.H. – Sem dúvida também.

F.C. – Lá tem arquivo, não é?

L.H. – É, e bem guardados.

F.C. – É, muito bem... Fechado. Quando eu fui nomeado ministro da Fazenda, que eu saía do Itamaraty, o que me chocou é a falta de informação na Fazenda naquela época. Não tinha quase nada. O Itamaraty tem tudo. No Itamaraty, o ministro se reúne de manhã com os seus assessores principais, os secretários das divisões ou sei lá o que, e cada um faz um *briefing* do que aconteceu no dia anterior ou na noite e tudo isso está registrado. Todas as conversas que você tem são... Tem o *note taker*, o tomador de nota. O Itamaraty tem a tradição boa de guardar. Agora, eu não sei se o Lampréia tem da parte pessoal dele também. Deve ter, não é?

L.H. – O grosso do que nós temos são os anos de ministério. Inclusive ele é um homem que continua ativo.

F.C. – Continua.

L.H. – Ele continua constituindo o seu arquivo, não é? Mas ele deu um acervo grande.

F.C. – O Celso Lafer deve ter muita coisa.

L.H. – Deve. Também é um intelectual.

F.C. – Mas o Celso é organizado. Eu gostaria, no futuro, que aqueles que trabalharam no meu governo pusessem os papéis aqui. Ou cópia. Não precisa ser o original, para não ser uma coisa... Por quê? Porque nós temos condições de conservar.

L.H. – Excelentes.

F.C. – Não é?

L.H. – Eu estava visitando, é muito bem montado.

F.C. – Tem condição de conservar e tal. Mas precisa dar um pouquinho de tempo para que eles se convençam, porque a gente custa a se separar de papel, não é?

L.H. – É, às vezes é um processo longo.

F.C. – Longo. Não é assim. Eu creio que o Serra deve ter alguma coisa. Eu nunca conversei com ele mais em detalhe. Eu tenho correspondência com ele grande, dele para mim, bilhetes. O Malan também. O Malan e o Serra são seres que escrevem. Então, além de conversar, eles sempre deixavam uma nota, uma carta, um papelzinho. Todos os dois são escrivinhadores.

L.H. – Sei.

F.C. – Eu não respondia, porque o presidente não pode responder, pelo menos a tudo, porque é muita coisa, mas eu guardava. Eu tenho deles aí.

L.H. – Certo. E quando é que surgiu... O senhor então... Arquivo, o senhor tem desde jovem, desde...

F.C. – Quer dizer, arquivo organizado não, mas papel guardado sim.

L.H. – Sim, arquivo é isso.

F.C. – Uma boa parte...

L.H. – O senhor é um acumulador.

F.C. – Isso. Uma boa parte das cartas que estão aqui, mesmo outros documentos, estavam na minha chácara em Ibiúna. Ficaram anos a fio lá. Aí tem uma coisa que é de ordem, digamos, da trajetória pessoal: como em 64... Eu sofri quase que um trauma em



64. Porque eu morava numa casa grande, boa, que foi do meu pai. O meu pai foi eleito deputado e foi para o Rio, e eu era professor da USP, eu fiquei aqui. E eu saí dessa casa numa manhã e nunca mais voltei, porque quando eu voltei para o Brasil, ela estava destruída.

L.H. – Realmente é uma memória que se apagou.

F.C. – É. Porque eu saí... Eu não imaginava que tivesse que fugir do Brasil e tal. Mas não pude mais voltar para essa casa e nem nunca mais ver os livros que eu tinha nessa casa. Aí, os meus livros foram distribuídos entre alguns amigos. Eu não tinha tantos quanto tenho hoje – hoje eu devo ter mais de 15 mil –, não tinha tanto, mas tinha bastante. E numa certa altura, o Antonio Candido de Mello e Souza, quando ele passou para a literatura, ele deixou depositado comigo uma boa parte dos livros dele de Sociologia. Eu recuperei... Uma parte ele doou, eu tenho até aqui até hoje – o pessoal aqui nem sabe, mas os livros são do Antonio Candido – e outros eu devolvi para ele e tal. Mas os meus livros ficaram: parte em casa do Fernando Gasparian, no Rio; parte em casa do Fernando Novaes... Por aí foram distribuídos. E nunca mais eu pude juntar tudo.

L.H. – Sei.

F.C. – O que é uma coisa estranha. Mas me deu preocupação também, eu digo: “Papel, se não estiver bem... perde, acaba.” Então eu sempre tive uma certa preocupação. O meu pai guardava papel também. Eu ainda tenho algumas coisas dele. Lamento ter perdido algumas coisas. Eu não sei, até hoje eu ainda tenho a ilusão de achar, porque tinha um baú que tinha uma carta do meu bisavô para o meu avô que era muito interessante – no século XIX, não é? –, de Goiás, que era muito interessante. Aliás, da minha avó também, sobre Goiás. A minha avó era do Rio. Ela foi para Goiás no século XIX e achou horrível e comentava para o pai dela. E eu nunca mais vi isso aí. Pode ser que esteja por aí em algum canto, mas não sei. Então, se você não organizar mesmo, isso vai embora.

L.H. – É verdade.

F.C. – Não é? Eu acho que o trabalho do Cpdoc é fundamental. Eu acho que realmente vocês fazem uma coisa extraordinária. Por isso. Tem que ter a memória, não é? E a memória tem que ser um pouco viva, senão também não adianta. Você manda para a Biblioteca Nacional... Manda para o Arquivo Nacional, não é a Biblioteca – muita coisa do presidente está no Arquivo Nacional –, quem é que vai lá?

L.H. – É, é um órgão que tem tarefas hercúleas e...

F.C. – Hercúleas. Tem que ter, não é?

L.H. – Sem dúvida.

F.C. – Mas não é exatamente a mesma coisa do que vocês têm, que é uma memória que, se não está viva, você sopra e ela pode reviver, não é?

L.H. – É verdade.

F.C. – Porque a função do arquivo é essa, é você poder fazer reviver. Quer dizer, é como eu disse, você tem várias perspectivas, você pode reler tudo aquilo à luz de outros momentos da História, ou mesmo de outras mentalidades. Então você tem que ter uma coisa como vocês têm lá, que de vez em quando sai um livro, não é?

L.H. – Isso.

F.C. – Eu acho isso muito, muito importante mesmo.

L.H. – Quando é que surgiu a idéia de criar o Instituto Fernando Henrique Cardoso?

F.C. – Ah, vem de longe, não é? Porque quando eu estava na Presidência, aí eu pedi que a Danielle fosse visitar outros lugares do mundo, para saber o que os presidentes faziam. Ela foi aos Estados Unidos, visitou várias daquelas *libraries* que os... *presidential libraries*. Foi à Europa, estive lá visitando a coisa do Mário Soares; visitou na França, que tinha a do Mitterrand, visitou em várias partes e me escreveu um relatório, e nós chegamos à conclusão que a coisa americana, aqui é impossível ser reproduzida... Ah, ela visitou a do Sarney também.

L.H. – Lá no Convento das Mercês.

F.C. – Lá no Maranhão. Eu também já fui lá. O Sarney teve muita preocupação, até organizou leis sobre isso e tal.

L.H. – É verdade.

F.C. – Não é? Aí a Danielle fez um relatório e tal. A coisa americana é inviável. Eu estive recentemente em Austin, no Texas, fazendo uma conferência, e lá está a *presidential library* do Ford, desse que morreu agora, eu acho. Bom, é um monumento. É um prédio gigantesco, e eles guardam tudo. Eles guardam o automóvel que ele usou, a roupa que fez a primeira... A primeira comunhão não é o caso dele. Mas, enfim, esse

tipo de coisa assim, e põem numa vitrine. Mas, ao lado disso, o prédio é feito de tal maneira que quando você entra, tem um *hall* enorme, e os arquivos são bonitos, são visíveis lá em cima. Fizeram uma coisa toda... É uma coisa impressionante. Bom, a do Clinton, o Clinton fez lá em Arkansas, em Little Rock – eu até vou lá, mês que vem eu acho, fazer uma conferência – o prédio custou 100 milhões de dólares. E a manutenção deles, em média, é de 3 milhões de dólares que o governo dá para cada ex-presidente. Não para o presidente, para cada fundação. Quer dizer, é outro mundo. Isso, aqui é totalmente inviável. Então, a idéia foi de imitar o Mário Soares. Porque o Mário tem uma coisa menor...

L.H. – Tem uma fundação também.

F.C. – Tem uma fundação, com um centro de pesquisa, com um centro de debates, não é bem... E tudo com computador, tudo é eletrônico. Misturou prédios antigos de Lisboa – é em frente à Assembléia – com técnicas ultramodernas. Agora ele expandiu muito. Você entra lá, é muito bonito. Você entrando lá, tem muitas coisas interessantes e tal, mas não é uma coisa completamente fora do nosso alcance, não é?

L.H. – Certo.

F.C. – Então, a idéia foi essa. A Danielle... Portanto, precisa perguntar a ela quando é que ela foi fazer essa viagem.

L.H. – Eu vou conversar com ela.

F.C. – Eu já tinha a idéia há algum tempo, de...

L.H. – Desde antes da Presidência?

F.C. – Não, não.

L.H. – Não. A partir da Presidência.

F.C. – A partir da Presidência. Mas eu tinha estado lá visitando o do Sarney – lá é um convento que eles modernizaram – e vi o que ele fez lá. Isso, antes. Mesmo antes de ter a idéia de fazer alguma coisa. Então eu achei que era bom fazer isso. E fiz a coisa do Mário Soares: você tem a documentação e tem aqui debates, tem centros de... Não é pesquisa propriamente, mas tem uma vida intelectual ativa, não é?

L.H. – Certo.

F.C. – Para não ser só depósito.

L.H. – É, os dois objetivos estão bem claros, não é?

F.C. – É.

L.H. – E quem são... Bom, o senhor disse que começou na época da Presidência, o senhor pediu para a Danielle fazer essa viagem, mas eu tinha um pouco mais de curiosidade de detalhar um pouco a história do Instituto.

F.C. – Sim.

L.H. – Quem são – eu gostaria de ouvir do senhor – esses sete sócios fundadores? Na página, a gente tem esses sete sócios fundadores: Aloysio Meirelles de Miranda Filho...

F.C. – Aloysio Meirelles é um advogado tributarista muito competente que sempre me ajudou no governo também e que foi casado com uma sobrinha minha, e ele ajudou a definição das regras e o controle de toda a questão financeira e tudo isso aqui.

L.H. – O Boris Fausto, bom...

F.C. – É historiador e amigo meu antigo.

L.H. – A Danielle, nós já sabemos. Eduardo Graeff.

F.C. – Esse trabalhou comigo a vida toda. Foi meu aluno, trabalhou no Cebrap, trabalhou no governo, foi secretário-geral da Presidência e hoje trabalha também... Hoje ele é chefe, suponho eu, do escritório de São Paulo lá. Mas ele sempre reviu os meus textos, escreve com muita elegância e é uma pessoa que eu estimo muito.

L.H. – José de Oliveira Costa.

F.C. – Esse é advogado. Ele ajudou a instituir isso aqui do ponto de vista legal. Você sempre tem que ter advogado para essas coisas, estatuto...

L.H. – Sem dúvida.

F.C. – E ele é muito ativo aqui, nas coisas.

L.H. – O Instituto é uma fundação?

F.C. – Não, é um instituto. A fundação fica sub... O que é isso aqui? É uma associação civil sem fins lucrativos. A fundação, você fica submetido às regras do Ministério Público.

L.H. – Certo.

F.C. – Eu tenho dúvida se... Outro dia, eu trouxe aqui uns procuradores, eles acham que é positivo fazer a fundação. Talvez eu até faça. Mas no começo eu tinha um pouquinho de preocupação, porque... por causa da... qual vai ser o grau de ingerência do Ministério Público, não é? No caso, eu acho que é o Ministério Público Estadual.

L.H. – Sim.

F.C. – E hoje o Ministério Público é uma instituição respeitável. Então, talvez valha a pena transformar em fundação. Eu tenho que pensar... Naturalmente, eu tenho que pensar *post mortem*, o que vai acontecer. Eu tenho que pensar nesses termos. Aí, talvez eu transforme em fundação. Mas hoje é uma sociedade civil sem fins lucrativos, e tem esses sócios fundadores, não é?

L.H. – Certo. Ainda, só para a gente terminar essa lista, Jovelino Carvalho Mineiro Filho.

F.C. – Esse é um amigo meu. É um empresário. Na verdade, ele é fazendeiro. E foi ele que ajudou... Ele que descobriu esse local aqui, porque aqui em cima tem a Sociedade Rural Brasileira. Então, ele que descobriu esse local aqui. E é pessoa de confiança e que sabe... ajudou, no início, a levantar recursos.

L.H. – E por último, Juarez Rubens Brandão Lopes.

F.C. – É o Juarez Lopes, que foi professor da USP, é antigo amigo meu. Tanto o Juarez quanto o Boris são meus vizinhos de chácara também. Nós somos amigos há 50 anos, coisa assim, e é um intelectual, uma pessoa séria. No início da discussão disso aqui, participaram outros – participou o Malan, participou o Celso Lafer, participou o Leôncio Martins Rodrigues –, quando nós estávamos elaborando, no início. E eu acho que alguns deles são aí do Conselho...

L.H. – Deliberativo.

F.C. – Deliberativo, não é?

L.H. – Sim. É, o Pedro Malan... Bom, aí são outros: o Bresser Pereira...

F.C. – O Bresser...

L.H. – São outros nomes. Mas, enfim, esse grupo... Quer dizer, isso foi uma idéia que o senhor teve com Danielle, como disse. Esse grupo realmente trabalhou na implantação?

F.C. – Trabalhou na implantação. Esses que são sócios trabalharam na implantação, e outros também. Mas os outros, por mil razões, não têm condição de ficar... não convém para...

L.H. – Mais vinculados.

F.C. – Mais vinculados. Agora, aqui funciona... Quer dizer, tem de vez em quando uma reunião – eu nem sei qual é a função formal...

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

L.H. – ...me alongar demais, para o senhor ter tempo de chegar com calma lá.

F.C. – Ah, eu chego sempre com calma, não se preocupe.

L.H. – Não, e eu espero que talvez, mais para frente, a gente possa talvez conversar mais uma vez.

F.C. – Pode.

L.H. – Na verdade, a minha tese é sobre duas trajetórias, duas trajetórias de intelectuais que entraram na política: o senhor e o Darcy Ribeiro.

F.C. – Ah, o Darcy!? Fomos grandes amigos.

L.H. – É, na época, principalmente, que ele estava no Senado, não?

F.C. – Não, não.

L.H. – É anterior. Muito antes.

F.C. – O Darcy era antropólogo, não é?

L.H. – Sim, sem dúvida.

F.C. – E eu tinha um cunhado, o Roberto Cardoso de Oliveira, casado com a minha irmã...

L.H. – Um grande antropólogo também.

F.C. – Então. Ele trabalhava com o Darcy no Museu do Índio, no Rio de Janeiro.

L.H. – Que foi uma das criações do Darcy.

F.C. – Nos anos... o quê?

L.H. – Cinquenta.

F.C. – Cinquenta. E o Darcy morava em Engenho de Dentro. E papai era deputado nessa época e morava na rua Conselheiro Lafaiete com Rainha Elizabeth, entre o Arpoador e o Posto 6. E o Darcy ia à praia conosco. Ele gostava muito da minha... Ele era casado com a Berta nessa época. Então, a minha mãe... Ele gostava muito da minha mãe e do meu pai. Éramos muito amigos, nessa época já. Então, nós íamos para a praia juntos e tal. E fomos amigos a vida inteira.

L.H. – É, ele é, também, um personagem muito interessante, muito fascinante, não é?

F.C. – Ah, muito.

L.H. – Eu trabalhei na organização do arquivo dele na Fundação Darcy Ribeiro e escrevi um *paper* sobre o acervo e sobre a própria Fundação. E daí me veio essa

vontade de pensar nessa conversão dos intelectuais na política e na construção dos seus arquivos.

F.C. – Ele tem um arquivo...

L.H. – Enorme.

F.C. – ...enorme.

L.H. – Enorme e que foi muito construído, muito... pela Berta.

F.C. – Pela Berta. A Berta foi o braço direito do Darcy, não é?

L.H. – É, sem dúvida.

F.C. – A Berta lia os livros para o Darcy. Porque o Darcy não tinha paciência, e não sabia muito língua estrangeira tampouco. E a Berta era fantástica. Mas o Darcy era um gênio, não é?

L.H. – É.

F.C. – Um gênio caboclo aqui.

L.H. – Um gênio caboclo, exato, como ele gostaria de se definir.

F.C. – Ah, sim. Nós éramos muito amigos, o Darcy, a Ruth, o Roberto, eu, a Gilda, a minha irmã. Muito, e em várias circunstâncias. Depois o Darcy ficou com o negócio de Jango, não sei o quê. Uma das razões pela qual eu tive que ir embora do Brasil foi o Darcy.

L.H. – Ah, é?

F.C. – É. Porque o Darcy me telefonou, ele era chefe da Casa Civil, e disse: “Não, eu vou para São Paulo e tal.” Eu digo: “Darcy, cuidado.” Porque eles tentaram fazer um atentado contra o então ministro da Reforma Agrária, o Pinheiro, Pinheiro não sei o quê. E eu digo: “Você deve vir com o pessoal do Grupo dos Onze, com a turma do Grupo dos Onze. Tem que providenciar isso para você.” Falei assim, por falar. Bom, estavam gravando o dele, o telefone dele. Aí, depois, quando me processaram, eu era homem do



Grupo dos Onze, por causa do Darcy. Depois, quando o Darcy foi para o Uruguai, eu estava na Argentina eu creio, ou sei lá onde é que eu estava, eu sei que um dia eu fui lá ao Uruguai visitá-lo e dar uma ajuda que alguém mandou. O Fernando Gasparian. Ele era muito amigo. Quantas vezes... O Darcy era um louco divino. Uma outra vez, me deu um trabalho... O Darcy foi ao Chile – eu estava no Chile –, e o Darcy estava metido em altas confusões, com o negócio de guerrilha... Ele nunca entrou, mas, enfim, ele andava por volta, o Brizola, com armas. Uma confusão. E o Darcy foi lá para o Chile, me telefonou e eu fui me encontrar com o Darcy. Bom, eu tenho um primo que é embaixador hoje, e naquela época ele era cônsul do Brasil lá em Santiago. E a polícia pegou esse negócio, essa ligação, e achou que era o meu primo, e não eu, em contato com o Darcy. Aí, esse meu primo... Ele está vivo, esse meu primo. Ele falou: “Olha, está atrás de mim, o negócio do Darcy.” E eu fui lá, falei... Eu falei com o embaixador. “Olha, fui eu, não foi ele, não foi o...” Chama-se Ciro Espírito Santo Cardoso. “Não foi o Ciro. Fui eu que fui lá falar com o Darcy.” Porque eles estavam seguindo o Darcy. O Darcy era uma pessoa fascinante.

L.H. – É, eu, infelizmente, não o conheci, mas o arquivo dele é...

F.C. – Ah, fascinante.

L.H. – Era fascinante.

F.C. – Era fascinante.

L.H. – Não, ele realmente foi fascinante.

F.C. – E ele me ajudou enormemente na Lei de Diretrizes e Bases. O progresso havido aqui se deve ao Darcy. E ao Paulo Renato. Mas o Darcy e o Paulo Renato se entenderam, o Darcy mudou lá a lei no Senado. A lei que veio da Câmara era uma coisa muito corporativa, e o Darcy não era corporativo. Porque o Darcy não era uma pessoa disciplinada.

L.H. – Não, ao contrário, era...

F.C. – Ele era um rebelde.

L.H. – ...um irreverente.

F.C. – Irreverente, não é? Olha, eu gostava muito do Darcy.

L.H. – Então, só para, enfim, para ficar mais claro todos os meus interesses na nossa conversa, a constituição de arquivos de intelectuais que se converteram à política é o meu tema.

F.C. – Sim.

L.H. – Então, partindo para essa dupla inserção, na academia e na política, eu vou lhe lembrar um trecho da entrevista que o senhor não se lembra que deu, para o projeto do Mario Covas. Quando lhe perguntaram o que o senhor achava das inovações que ele implantou na área de governo e *in government* etc., o senhor disse que achava tudo muito interessante, e o senhor acrescentou o seguinte: “Não se esqueçam que o Mario era engenheiro” – o senhor hoje já tinha me dito –, “portanto, tinha lá uma admiração por esses processos racionalizadores.” Então eu lhe pergunto, em que sentido o etos de sociólogo formata o político?

F.C. – Ah, muito. Muito, sem dúvida alguma. Se você for ver nos meus registros no dia-a-dia lá, você vê que de vez em quando eu saio da confusão, daquela tempestade que está armada lá, o tufão, eu saio do olho do tufão para fazer análise. Isso te dá uma força grande. Porque, primeiro, você preserva mais a sua integridade pessoal. Eu digo: “Não sou eu, é o personagem que está em jogo.”

L.H. – Sim.

F.C. – É a função que está em jogo, então você não precisa se sentir ofendido quando te ofendem, não é? E segundo, te permite analisar situações e ter uma certa noção do processo. Porque uma das dificuldades da vida política é que dá a impressão que tudo é fragmentário, é pedacinho em pedacinho. Os políticos freqüentemente perdem a noção da direção do processo. E o sociólogo tem a obrigação de, ao contrário, de tentar ver, naquilo que aparece como singular, que não é singular, que tem uma regularidade maior. Então, isso está tão dentro de mim. Embora eu não seja durkheimiano, eu li tanto Durkheim que não tem jeito. Você tem que dar um tratamento de processo, de coisa, de regularidade, de, enfim, de lei ou sei lá do quê.

L.H. – É, o Weber, também o senhor cita bastante.

F.C. – O Weber me influenciou muito mais.

L.H. – Certamente.

F.C. – Muito mais, no sentido da ética, da responsabilidade e tal. Muito mais do que o Durkheim. Mas, de qualquer maneira, a noção de processo, todos os sociólogos têm que

ter, não é? E isso ajuda a ação política e a compreensão do que está acontecendo, não há dúvida. E, portanto, um pouco de dialética: o que é, deixa de ser, e pode voltar a ser, não é? Quando eu digo que eu não tenho certezas... O engenheiro tem certezas e busca certezas, o que é uma equação, não é? E não é assim. O sociólogo, que tem a noção de história, do processo, da dialética, sabe que as coisas são e deixam de ser, vão mudar. E você está ali para mudar, não está ali para... Eu fico muito irritado, por exemplo, com o negócio de pesquisa de opinião. O sujeito vê... “Ah, então é isso.” Não, aquilo para você... é um dado para mudar, não é... “Ah, me rendi, porque vou perder.” Não, não, depende. Você tem que transformar, não é? Essa noção eu acho que... da minha formação, ajudou muito. Até porque, mesmo como sociólogo, eu sempre me interessei muito pelos processos emergentes, pela coisa nova, não é? O que ajuda também você... a agir como político. “Bom, dá para mudar. O que é que pode mudar?” O que os americanos chamam agora o *tipping point*, o que desencadeia processos, não é? Eu chamava de curto-circuito. O que dá um curto-circuito?

L.H. – O senhor usa essa imagem no livro.

F.C. – É. Isso sempre me chamou muito a atenção. E a idéia de que você... Porque também depende de que tipo de formação sociológica. Se você imaginar que são as grandes estruturas e que elas mudam porque quebram, aí você se paralisa, porque fica esperando que as forças se acumulem. Mas se você tiver uma visão mais weberiana, que não é bem assim, aí você pode imaginar que você pode provocar curto-circuito e que as coisas não mudam, necessariamente, na sua inteireza, mudam em pedacinhos, e que são importantes essas mudanças que não são vistas globalmente. Enfim, isso tudo me influenciou muito.

L.H. – Na entrevista que o senhor deu para o Pompeu de Toledo, ele diz, também na introdução, que, “ainda que o senhor goste de se pensar como um intelectual na política, o senhor seria, na verdade, visceralmente político”. Ele usa essa expressão.

F.C. – É.

L.H. – E tem uma passagem que o senhor também comenta da distinção com relação ao Vargas Llosa, um intelectual que não teria paciência para a política.

F.C. – Isso.

L.H. – E o senhor, ao contrário. O senhor se definiria como visceralmente político?

F.C. – Não. Não, eu acho que eu tenho... Isso é uma coisa um pouco cabotina de dizer, mas eu funciono em duas dimensões, eu posso funcionar em duas dimensões, sem talvez perder – como todo mundo - totalmente o lado da outra. Mas existencialmente, eu

sou menos político do que intelectual. Quer dizer, eu sinto menos falta da política do que da vida intelectual. Eu me acomodo mais à vida intelectual do que à vida política. Se eu tivesse que... Eu optei. Quer dizer, eu resolvi não...

L.H. – Sem dúvida.

F.C. – ...não me meter mais na política, não é? Não é muita gente que faz isso. Podendo, não é? Não é muita gente que faz isso. Por quê? Porque eu quero ter... Eu tenho interesses que não são só da política, e são intelectuais. Então eu não sei. É difícil de... Eu é que tenho dificuldade de me definir, mas eu não me definiria como visceralmente nada. O que é ruim, não é?

L.H. – Não sei. [riso]

F.C. – É, eu também não sei.

[PAUSA]

F.C. – O Vargas Llosa, é uma coisa... Eu acabei de ler um livro dele, muito interessante e tal. Como é que chama? *Contos de una niña mala*. [*Travesuras de la niña mala*] Agora, você lendo como peixe na água o livro dele, ele nunca sentiu o Peru como uma coisa assim... visceralmente, do ponto de vista político, não é? Acho que ele nunca entendeu realmente o jogo, quer dizer, essa coisa da... Para você poder ser político, não no sentido menor, você tem que entender a diversidade, aceitar a diversidade, ouvir, ouvir muito, não pretender conceitualizar logo, entender logo, não é? Quantas vezes me disseram, os meus amigos da universidade, “ah, não sei como você tem paciência de agüentar esse pessoal!”. Eu acho que não é isso. Quer dizer, “esse pessoal” é gente, e você aprende com eles também. Eu não tenho medo dos canalhas. Porque eu presto atenção: como é que eles são? Porque o sujeito não é canalha o dia inteiro, é de vez em quando. Você é burro o dia inteiro, ou inteligente o dia inteiro, mas canalha não. Há momentos de canalhice. E sempre me chamou a atenção, como é que um sujeito em certos momentos faz o que faz e em outros não. Então você tem que ter... Não pode julgar. Se você julga precipitadamente o bom e o mau, ah, cai fora da política. Não é assim. Você tem que ter... De repente, o bom vira mau e o mau vira bom. E na política você tem que transformar o mau em bom, entendendo-se por bom os que estão do teu lado. É um jogo interessante, e intelectualmente interessante também. E que, visto de certa perspectiva mais cerrada, é insuportável. Se você for dogmático, é horrível, você não vai fazer, acha que toda negociação é porca, que é a leitura vulgar, na verdade, da vida política.

L.H. – É, da política.

F.C. – Não é? Ela tem algo disso, mas não é só isso. E eu acho que se você não entender e não souber lidar com esses fatores, você não vai ser capaz de fazer alguma coisa importante na política. Mas, enfim, isso é outro assunto.

L.H. – Deixa eu voltar só um pouquinho. O senhor comentou que se afastou, optou nesse momento por se afastar da política.

F.C. – Política partidária, não é?

L.H. – Isso. E que, na verdade, talvez se sentisse mais à vontade, digamos, na pele do sociólogo. Mas o senhor, no momento em que tinha uma brilhante carreira de sociólogo, fez uma opção pela política.

F.C. – Também. Por isso que eu digo, eu não sou... É difícil, porque eu funciono em dois registros, não é? Mas sempre funcionei em dois registros, a vida inteira. Não foi que eu fiz propriamente uma opção. Quando eu tinha parece que 28 anos, eu era membro do Conselho Universitário.

L.H. – Sim.

F.C. – Eu ganhei uma eleição e fazia política universitária. E quase que eu era líder da maioria do Conselho Universitário. E eu era sociólogo. Eu estava em plena atividade. Enfim, são momentos que podem até ser contraditórios, mas têm que ser vividos conjuntamente. Não é uma opção propriamente. Agora, a essa altura da vida não. A essa altura da vida, é mais uma opção. Eu diria... Eu tenho uma coisa, eu não tenho mais a paciência para ser político. Agora mesmo, tem um pessoal... “Ah, você tem que ser presidente do PSDB.” Estão enganados. Eu não posso ser. Eu nunca fui, aliás, presidente de partido. Eu nunca tive tanto empenho nisso. Mas não teria mais a paciência para isso. Não dá. Hoje, eu quero... Eu acho que eu tenho mais... A essa altura da vida, eu posso ser mais útil escrevendo algumas coisas do que ajudando a ganhar a eleição. Ajudo – ou atrapalho, não sei, depende das circunstâncias – mas não é o que me parece que seja... o que eu deseje. Para a questão de o que eu sou, o que eu deseje. Não é o que eu deseje. E também, eu acho – isso eu achei desde sempre, mesmo na universidade –, eu sou competitivo, senão não teria sido o que fui, mas eu não sou obcecado pela competição. Então eu acho que têm momentos que você tem que deixar espaço para os outros. Eu fiz isso na universidade também. Eu podia ter voltado para a USP quando houve a anistia. Uma das razões pelas quais eu não voltei... Eu digo: “Se eu voltar, vai ser um inferno. Porque todos aqueles que foram meus alunos e meus assistentes que hoje estão lá, ou eu vou submetê-los ou eles vão me guerrear. Vai haver isso de qualquer maneira.” E não é justo. Não tem sentido. Ninguém ganha com isso, nem eu nem eles. Então, mesmo agora. Um sujeito que foi duas vezes presidente da República precisa ser outra vez alguma coisa? Não precisa, não é? Aí é porque eu acho que eu não sou tão obcecado com as coisas, nem com a competição.

L.H. – Mas nesse momento que o senhor, digamos, abriu mão de voltar à competição acadêmica, o senhor entrou fortemente na competição política.

F.C. – Sim.

L.H. – Exatamente nesse momento da anistia, enfim, da redemocratização, foi o seu momento de...

F.C. – Foi. Porque realmente o momento exigia também bastante isso. Teria mais sentido. A meu ver, pareceu que era mais útil fazer isso do que escrever mais um livro, que eu escrevi depois, não é? E eu já tinha feito a carreira acadêmica.

L.H. – É verdade. Muito jovem o senhor já tinha...

F.C. – Eu, com 37 anos, já era catedrático da USP e já tinha sido professor na Sorbonne e diretor da Cepal. A vida não foi difícil para mim, nesse ângulo. Pode ter sido. Eu fui perseguido, fui preso, o exílio. Nada disso é bom. Mas não foi difícil. Eu nunca tive que matar ninguém para existir, não é? O que tem um lado bom e um lado ruim. O lado ruim é que diminui a sua agressividade, porque você não precisou de usá-la para... Diminui a sua agressividade, o que tem também os seus inconvenientes, até para a política, porque você tem que ser mais agressivo para... Bom, mas, enfim, eu não sei resolver isso, o que eu sou mais visceralmente, político ou o quê. E também não me preocupa muito, não.

L.H. – Não. Não, isso, eu é que estou querendo entender. [risos] Tem esse ponto interessante, é isso mesmo, até os 37 anos o senhor tinha feito uma carreira acadêmica meteórica. E ao mesmo tempo, o senhor diz no livro que o senhor foi treinado para exercer papéis de liderança política, até porque...

F.C. – Mesmo na academia.

L.H. – Inclusive na academia, não é? Ou, talvez, na academia já essa marca se fizesse...

F.C. – Presente.

L.H. – ...presente. A competência política, a gente poderia dizer, no seu caso, que é uma marca hereditária?

F.C. – Não creio que hereditária. Poder ser o ambiente familiar cultural. Isso poder ter algum... Tem efeito. Mas não é hereditário. Os meus irmãos não se meteram nunca em política, nem meus filhos. E os meus irmãos viveram o mesmo ambiente que eu. Os meus filhos, um pouco mais variado, porque tinha o lado acadêmico também e tal. Agora, certamente, um lado de influência familiar cultural existe, do *métier*. Te ajuda a... Ou atrapalha. Porque muita gente diz: “Ah” – o pai foi político –, “eu não pude ser porque o meu pai ocupou...” Bom, eu nunca vi desse jeito as coisas, não é? Eu acho que eu aprendi muitas coisas assim, intuitivamente, por osmose, em casa. A minha família a vida inteira discutiu o Estado, o governo, o Estado. Não negócio. Ninguém lá em casa é capaz de... de mercado. É muito mais Estado que mercado. E isso certamente pesou.

L.H. – Criou uma...

F.C. – Uma predisposição.

L.H. – ...uma bagagem, não é? O senhor estava falando... Só para a gente não esquecer, o senhor tinha dito que ia me contar a história do livro que escreveu...

F.C. – Americano.

L.H. – Americano.

F.C. – É o seguinte: o livro americano fala mais de coisas pessoais que o livro brasileiro.

L.H. – Que pena! Eu vou ter que ler o livro em inglês, com mais dificuldade.

F.C. – É outro livro. Por quê? Porque, na verdade – isso eu fiquei pensando depois –, falando uma outra língua, você se abre sobre certos assuntos que, na sua própria, você não se abre. Por exemplo, eu raramente falo da minha mãe e do meu pai em termos pessoais, e no livro americano eu falo. Isso não foi, digamos, intencional. E é curioso isso. É como se fosse uma terceira... Você se sente mais à vontade de se abrir numa outra língua do que na própria.

Participante – Falando para estranhos.

F.C. – É, para estranhos.

L.H. – Os interlocutores são outros também.

F.C. – É. Essa coisa de livro é muito complicada, porque... Eu não sei se... Bom, eu nunca fui... Eu falo várias línguas, mal e porcamente, e fluentemente. [*riso*] Mas mal e... Eu nunca fui muito preocupado com... Eu vou falando, não é? Depois de certa altura, quando você é obrigado, como eu sou, ou fui – ainda sou –, a mudar de língua o tempo todo, todo dia, é uma confusão danada. Eu não sei se isso ajuda ou atrapalha. Porque a língua, finalmente, expressa... Você se expressa na língua, através da língua, não é?

L.H. – Sem dúvida.

F.C. – E é uma coisa curiosa. Talvez se sinta... Isso é estranho. Com certas pessoas eu falo uma língua, e com outras, outra língua, mesmo que elas possam falar a minha língua.

L.H. – Por exemplo.

F.C. – Por exemplo: eu tenho uns amigos, você conhece, o Albert Hirschman e a Sarah. Bom, eles falam espanhol, inglês, francês e tal. Eu falo com eles normalmente em espanhol. Podia falar em outras línguas. Com o Touraine, eu só falo em francês [“Tá na hora?” FHC pergunta para uma secretária que abre a porta para lembrá-lo da consulta médica para a qual já está atrasado] porque eu o conheci em francês, estive com ele na França. Eu só falo em francês. Com certas pessoas... Vocês não conhecem, uma moça que trabalhou aqui, a Alejandra, eu só falo [com ela] em espanhol até hoje. É curioso. Por que será? As pessoas podem falar, escolhem a língua, podem escolher. Mas não é que escolha. Automaticamente você, com certas pessoas, você se relaciona numa língua, com outras, noutra língua, não é? E no caso do francês e do espanhol, eu não tenho muita dificuldade de uma conversa. O inglês já é uma língua que eu não tenho amor, embora eu fale mais frequentemente em inglês hoje do que qualquer outra língua, mesmo que o espanhol. Mas eu não tenho gosto de... Porque eu sei menos, não é? Eu não tenho gosto de... O espanhol eu gosto imensamente. Provavelmente, eu falo mais...

L.H. – O espanhol é uma língua muito interessante.

F.C. – Muito.

L.H. – É muito rica.

F.C. – E eu falo mais à vontade, em conferência, em espanhol do que... Não, em português não. O português, é claro que é mais fácil. Mas em português você usa demasiadas palavras, porque sabe, não é? E noutras, você não sabe tanto, tem que falar... Para ser simples, é melhor noutra língua.



L.H. – É verdade.

F.C. – Não é?

L.H. – Isso obriga a um exercício.

F.C. – A um exercício, é. Mas é uma coisa que não... Eu não sei se um grande... Existem grandes escritores que são multilíngües, multilingüistas, mas, enfim... Confunde um pouco. Às vezes a gente tem construções que não são corretas, por causa da influência de outras línguas, não é?

L.H. – Eu estive agora, só para... - eu não quero lhe atrasar - eu estive agora na França, com uma bolsa sanduíche, e visitei também a Fondation Charles de Gaulle, o Instituto François Mitterrand...

F.C. – Ah, é?

L.H. – É. Com essa...

F.C. – Essa preocupação.

L.H. – Isso, com esse meu interesse. E também o Instituto Pierre Mendès France. Eu não sei se o senhor conhece...

F.C. – Não.

L.H. – ...que tem um riquíssimo acervo, um arquivo pessoal. Até porque, na França, os arquivos presidenciais ficam muito sob a égide do Arquivo Nacional, não é?

F.C. – É.

L.H. – O Mendès France não foi um presidente, foi... chegou a ser...

F.C. – Primeiro-ministro.

L.H. – ...primeiro-ministro. Mas, enfim, essa questão não... Ele pôde manter seus arquivos, que estão organizados e disponíveis. Na França, agora, eu não sei se o senhor tem acompanhado esse debate, há um debate intenso sobre a idéia do *devoir de mémoire*. Eu não sei se o senhor tem lido na imprensa.

F.C. – Não.

L.H. – Quer dizer, é um imperativo memorial que teria tomado conta da sociedade francesa nos últimos anos, tanto no sentido de fazer justiça à memória das populações vitimadas etc. – isso começou com a memória de Vichy, dos sobreviventes – quanto com relação a um dever de transparência, a um dever de preservação. E isso atinge, digamos, os acervos dos homens públicos. O senhor acha que, no Brasil, a gente está ainda mais próximo de um... No Brasil, a memória talvez tenha sido mais um desejo do que um dever.

F.C. – Muito mais.

L.H. – Não é? O senhor acha que isso é...

F.C. – Eu acho que nós, no Brasil, nós não prestamos atenção à memória. É muito baixa a atenção para... Olha aqui... Mesmo uma pessoa... Pega o Celso Furtado. O Celso escreveu livros admiráveis de memória. Quem lê? Quem cita? E o Celso escreveu coisas muito interessantes.

L.H. – Bom, ele ainda é um intelectual e um homem público vivo na memória. Talvez hoje...

F.C. – Por isso que eu estou dizendo. Mas, ainda assim, quem lê as memórias? Você lê os livros dele, mas e as memórias dele? Bom, você tem um ou outro que... O Joaquim Nabuco, você lê, não é?

L.H. – Sim.

F.C. – O *Minha formação*, não é? O livro fundamental dele, sobre o pai, pouca gente lê. É um livro admirável.

L.H. – É, o senhor também cita, não é?

F.C. – É, eu tenho muita admiração pelo... É admirável. E não existe muito. Há uma coisa curiosa: a vida intelectual brasileira ela é – eu vou dizer uma palavra forte –, ela é

pobre. A vida interativa brasileira. Tem muita reunião, muita coisa, um fala mal do outro e tal, mas pegar o que o sujeito escreveu e criticar, não existe quase, não é? Por exemplo, esse livro, esse livro americano aqui, eu não sei, pelo menos quinze resenhas foram publicadas sobre esse livro. Então, o Estanislau tem aí, e mesmo se você for no Amazon, tem lá. Umas quinze. As principais publicações americanas da área, americanas e européias, o *The Economist*, o *Financial Times*, eu não vi no... o *Washington Post*, o *Wall Street Journal*, o *Foreign Affairs*, todos deram opinião, escreveram. Há pessoas que eu não conheço e que eu conheço. Muitos. Aqui, sobre esse livro, vendeu infinitamente mais... Esse vendeu muito. Esse, agora vai ter *paperback* lá. Mas esse aqui vendeu muito – sei lá, 80 mil livros, uma coisa assim – mas há alguma resenha crítica?

L.H. – É, eu só vi a resenha que está no *site* do Instituto.

F.C. – É. Não tem. O Elio Gaspari escreveu uma série de livros importantes.

L.H. – Sim.

F.C. – Cadê as resenhas? Cadê os comentários? Não é que a pessoa não tenha lido ou não tenha gostado, é que não há o hábito de você resenhar, contar, criticar e dizer: “Eu estou de acordo com isso...” Não há esse hábito aqui no Brasil. É curioso isso. E isso tem nos Estados Unidos. Até o leitor, ele manda para o *Amazon* a opinião dele, eles classificam o livro. Aqui não. Aqui o sucesso é de livraria: vendeu ou não vendeu. Não é uma análise sobre o que é bom ou é mau. Pode vender porcaria. Tem porcaria que vende, não é? E tem coisa boa que não vende. Mas a resenha devia ser... Não é para vender. É bom ou é mau? É o que é que eu acho. Ou: “É bom nisso e ruim naquilo”, uma crítica. Nós não temos isso. De repente tem um grande ataque – é outra coisa, não é? – um ataca o outro, destrói o outro. Mas não tem essa tradição da...

L.H. – Do debate intelectual mesmo.

F.C. – Do debate intelectual e da crítica. Quer dizer, nem tudo está certo, ninguém escreve tudo bem, tem partes melhores e partes... Eu posso criticar esse livro facilmente. [*riso*] Facilmente. Mas criticar não quer dizer que você vai desvalorizar. Você vai dizer: “Olha, podia ser melhor aqui...”

L.H. – Comentar.

F.C. – Comentar. Isso ajuda. Ajuda o leitor e ajuda o autor. Nós não temos isso.

Participante – As críticas... Desculpe interromper...

L.H. – Imagina!

Participante – Mas eu percebo que as críticas desse livro aqui foram mais assim, pegando um pedaço e dizendo: “Falou bem de fulano...”

F.C. – Isso.

Participante – E não criticar a obra literária. Os comentários que houve...

F.C. – São sobre pessoas.

Participante – “Falou assim, falou assado.” Talvez até pela própria época da eleição. Talvez tenha sido isso.

F.C. – Mas não é, não.

Participante – Mas não tem enquanto obra literária, enquanto obra.

F.C. – Não, isso não tem. Não há essa tradição.

L.H. – Mas talvez, essa leitura, também o senhor esteja ainda muito próximo de tudo isso.

F.C. – Não. Eu estou dando esse exemplo, mas isso é em geral. É raro você ter crítica mesmo.

L.H. – Sim.

F.C. – Não é? Sobretudo na... Em literatura tem mais. Mesmo assim, não tem. Mesmo assim, não tem. Você tem uma enorme quantidade de obras que se publicam que você não sabe. Ainda tem, nos jornais, na parte de resenha, ainda tem uma ou outra coisa. Mas pega as resenhas publicadas sobre este livro nos Estados Unidos e na Inglaterra.

L.H. – Sim.

F.C. – É interessante. Primeiro, que eles leram. Eu não me lembro se foi o *Economist* – acho que foi o *Economist* – que inclusive comentou os dois. Mas eles leram. E dão opinião, não é? Isso é curioso. Falta isso aqui no Brasil. Nas Ciências Sociais, se faz reunião, a Anpocs e tal, aí, cada um leva um *paper*, não sei o quê e tal, mas não fica uma coisa... Não há um debate real, não é? Já houve, em certo momento, mas isso sumiu. Com a massificação... Talvez seja difícil. Sumiu. Eu não vejo. Vai ver que é deficiência minha, de não ter visto as coisas positivas que ocorrem. A universidade brasileira publicou muito, publica muito, sobre muitas coisas, coisas boas e coisas más, e não há balanços sobre isso, não é? Inclusive é injusto, porque muita coisa é boa. E eu não vejo que você tenha...

L.H. – Talvez a gente não tenha... Pelo menos quando a gente compara e chega na França, o que chama muito a atenção é que esse debate intelectual está na mídia.

F.C. – Ele está na mídia. Ele é ativo.

L.H. – Ele está na televisão, no rádio...

F.C. – A televisão francesa fala sobre livros o tempo todo.

L.H. – Exato. Isso é muito contrastante, não é?

F.C. – Nos Estados Unidos, eu participei de vários programas na televisão, e sobretudo no rádio, sobre esse livro. Mas vários. Teve um que durou uma hora, em Washington. Era uma senhora já de certa idade. Extraordinária a mulher. Porque ela pega o livro, ela lê o livro, ela sabe coisas, ela pergunta de várias coisas. Uma hora de conversa. É conversa sobre. Nós não temos, que eu saiba, nenhum programa, no rádio ou na televisão, sobre livros.

L.H. – É. Talvez tenha tido alguma coisa, mas não é sistemático. Eu já vi alguma coisa na...

F.C. – Na França tem muito.

L.H. – É, aí tem...

F.C. – Chamam os autores, debatem e tal. Bom, é outra cultura.

L.H. – É, é outra cultura, outra realidade.

F.C. – Outra tradição.

L.H. – É, outra tradição. Bom, eu teria... Mas eu não quero lhe atrasar, inclusive porque o senhor tem uma cirurgia.

F.C. – Não, eu tenho que ir, porque... Mas não é nada de tão grave assim. Espero.

L.H. – Eu vou fazer então uma última perguntinha só, de hoje, a última de hoje. O senhor disse, nessa entrevista que o senhor deu para o CPDOC, que, “de alguma maneira, a minha geração esgotou o seu período de mando”. Qual é o legado dessa geração?

F.C. – Bom, vamos ver.

L.H. – Falando de memória, não é? Já que estamos pensando em memória.

F.C. – Geração, quando eu falo em geração, é o pessoal que está acima dos 70 na verdade, não é? Então, foi o pessoal que passou... sentiu o fim da guerra, da Segunda Guerra Mundial, viu o Brasil mudar... Eu costumo dizer... é uma coisa banal, mas que é bom de repetir: eu nasci no Rio, em 31. O Brasil, naquela época, só tinha uma estrada pavimentada: entre o Rio de Janeiro e Juiz de Fora. Depois, em 40, eu vim para São Paulo. Aí, tínhamos duas: a via Anchieta e aquela. E hoje? Quer dizer, o Brasil no qual eu nasci não tem nada a ver com o Brasil de hoje. E isso foi produto, não foi da minha geração, foram várias gerações. De qualquer maneira, houve mudanças muito grandes, não é? No caso da minha geração, entendendo-se por minha geração do Ulysses ao Mario Covas – há uma certa variação de idade, mas Tancredo, Ulysses, Mario Covas e não sei quem mais...

L.H. – Montoro...

F.C. – Magalhães Pinto, Montoro, o Brizola... O que sobrou disso? Eu acho que sobrou a democracia, uma visão muito mais dinâmica do país. A democracia. Isso foi importante. Eu acho que foi um... Nós conseguimos marcar a democracia. Depois da redemocratização, na verdade – eu vou dizer uma coisa imodesta –, só teve dois líderes: o Lula e eu. Mas é verdade. E entenda por líder o que sintetiza posições, não é?

L.H. – Certo.

F.C. – O Lula é mais moço, mas, de qualquer maneira, houve uma renovação nisso. O Lula vem da fábrica, e eu, da universidade, ambos com visões mais modernas do país e da sociedade. Talvez a pessoa que fique hoje disso é o Serra, que é de outra geração, mas é um pouco herdeiro disso aí. O Aécio já é um corte, vamos dizer, mais embaixo. Nós somos uma geração que viu o crescimento econômico e que viu a ditadura. Não é isso? Basicamente, nós vimos as duas coisas, o crescimento econômico e a ditadura. Às vezes, juntos. Vimos separado, com o Juscelino, e vimos juntos, com os militares, nos anos 70. E que percebemos que havia que criar instituições no Brasil e fortalecer a democracia. E vimos também, digamos, a separação entre mercado e Estado, que não era tanta no passado. Fomos nós que deixamos isso aí? Não sei se fomos nós. De qualquer maneira, nós fomos testemunhas desse processo. Agora, daqui para frente, os problemas são outros. O Lula já é uma fase intermediária, já nesses outros processos: como é que inclui mais e como é que dá mais racionalidade a essa inclusão. Aí eu falei do Serra. Porque o Lula incluiu, mas não deu racionalidade à inclusão. Talvez o desafio seja dar um pouco mais de racionalidade, entendendo-se por isso criar mais instituições, mais respeito às regras da lei etc. Se nós deixamos alguma coisa? Eu acho que sim, nesse sentido de que o Brasil de hoje é melhor que o Brasil do passado. Quem quiser que se engane, mas não é. O Brasil de hoje é melhor do que o Brasil do passado. Pode ser até que tenha, numericamente, mais pobres, mas tem menos pobreza, e tem mais classe média, tem mais perspectiva, tem mais empresa, tem mais universidade, tem mais ciência, tem mais tecnologia, tem mais liberdade. É melhor, não é? Eu não tenho uma visão pessimista, basicamente, do Brasil. Eu tenho uma certa preocupação agora é com o ritmo. Porque a velocidade do mundo mudou e eu acho que nós estamos indo muito lentamente. Eu acho que os ingredientes para o país avançar, entendendo-se por avançar melhorar a vida das pessoas, tendo liberdade e criatividade, estão aí. Agora, o ritmo, eu não sei. E esse ritmo é importante por duas razões: importante porque os outros estão indo mais depressa, e com o ritmo mais lento, você inclui menos. A insatisfação que há entre nós é de ritmo. As pessoas pensam que é de natureza. Não é. É que não cresce a mais do que dois. Tem que crescer mais depressa, não é? É isso. O emprego não... É ritmo. Mas o rumo, de alguma maneira, eu acho que o Brasil pegou uma certa embocadura, mesmo com a globalização. Porque não era fácil. Alguns países não pegaram embocadura: a Argentina não pegou; o Chile pegou; o Brasil pegou, mas mais ou menos; o México pegou mais ou menos. Mas é ritmo. Então eu acho que, se você pensar em termos de geração, se legou democracia e liberdade. Não digo que... E crescimento. Bem ou mal, isso... O Celso Furtado é dessa geração, não é? Enfim, não só intelectualmente, mas praticamente, as coisas mudaram muito no Brasil, para melhor. Por hoje, chega.

L.H. – Muito obrigada.

[FINAL DO DEPOIMENTO]